

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA PRESENCIAL

GHISLAINE DANTAS DE MEDEIROS CARMO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA
DURANTE ESTÁGIO

Natal
2017

GHISLAINE DANTAS DE MEDEIROS CARMO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA DURANTE ESTÁGIO

Relatório de Práticas Educativas
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, como requisito complementar
para obtenção do título de licenciada em
Pedagogia.

Orientação: Prof^a Dr^a Marisa Narcizo
Sampaio

Aprovado em: ____/____/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marisa Narcizo de Sampaio – Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof. Dr. Alexandre da Silva Aguiar
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof.^a Dr.^a Gilberto Ferreira Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Sumário

1 - Introdução	4
2 - Conhecendo uma Classe da Educação de Jovens e Adultos.....	7
3 - Período da Prática Educativa: trabalhando o processo de alfabetização. ...	12
4 - Considerações finais.	24
Referências.....	25

1 - Introdução

O presente relatório tem como finalidade descrever e discutir a prática educativa exercida em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, realizada na escola Municipal Juvenal Lamartine, em Natal/RN. Durante o período da prática, procurei enfatizar o processo de alfabetização diante das dificuldades enfrentadas pelos alunos. Isso possibilitou uma rica experiência de vivenciar uma fração da realidade da educação brasileira, com todas as dificuldades enfrentadas pelo sistema de ensino.

Neste documento será possível visualizar a prática pedagógica utilizada pela docente responsável, compreender as dificuldades enfrentadas pela professora, que infelizmente, são comuns para quem ensina na modalidade da EJA.

O relatório argumentará sobre questões e maneiras de trabalhar com os alunos da EJA sem infantilizar as atividades ou o modo como tratá-los, visto tratar-se de um público específico, sujeitos que já possuem um conhecimento prévio que carregam em suas experiências de vida, adquiridas através do meio em que vivem.

A descrição da prática ocorre segundo o ponto de vista do docente e por último serão apresentadas considerações sobre a prática docente. É sobre a prática do professor que recaem as mais importantes observações pois é nela que estão colocadas as ações de ensino e aprendizagem voltadas à Educação de Jovens e Adultos. É importante compreendermos como se dão as relações de ensino/aprendizagem na EJA, identificando suas características, quanto à metodologia, dificuldades e relações sociais implícitas nesse processo, vendo-a como uma política pública para responder à demanda de jovens e adultos que por motivos diversos não concluíram ou não tiveram acesso à educação institucionalizada.

Que sujeitos esse tipo de educação irá formar? Quais espaços eles ocuparam na sociedade já tão excludente hoje em dia? O que os alunos da EJA buscam em sua formação e o que os é oferecido? É preciso respeitar as especificidades desse público, pessoas que não terminaram ou nem sequer iniciaram o ensino regular.

Mas inúmeros são os problemas da modalidade de ensino de jovens e adultos a começar pelo currículo que muitas vezes é uma adaptação dos conteúdos do ensino fundamental, a formação dos professores responsáveis por essas turmas que não considera nem discute suas especificidades e a convocação de voluntários que não tem a formação adequada para contribuir com a formação desse alunado.

Essas questões acima são algumas das características gerais que se pode encontrar na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, não serão necessariamente tratadas neste trabalho, que tem como foco o processo de alfabetização dos discentes.

Porém, encarar esses problemas é um grande desafio para prática pedagógica do professor da EJA, afinal o seu papel é preparar o estudante para que se perceba como sujeito construtor do seu conhecimento, pensar num modelo de escola mais flexível conectado a vida, investir na formação docente e ter um olhar mais sensível quanto às necessidades desses jovens e adultos, e a tudo que lhes é relevante.

O trabalho do professor de EJA é romper com essa visão deturpada de que o aluno que procura essa modalidade de educação só visa a certificação, ele procura recuperar o tempo perdido por necessidades que a vida lhe impôs e luta contra a política excludente ainda presente em nossas instituições de ensino. Segundo Paulo Freire:

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende. (...). Implica uma auto formação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1989, p.72)

A partir deste trabalho, espero compreender melhor a prática pedagógica docente na EJA, identificando elementos que caracterizam, quanto a metodologia, aprendizagens, dificuldades e relações humanas (professor/aluno,

aluno/professor) estabelecidas nesse processo. Entendendo que as relações humanas permeiam toda ação pedagógica no contexto escolar, e que podem deixar grandes marcas tanto positivas quanto negativas no processo de ensino-aprendizagem.

Considerando o motivo pela escolha da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a metodologia adotada para desenvolver este trabalho foi de natureza autobiográfica, tentando relatar um fragmento do processo formativo que vivenciei durante a minha prática educativa, me remetendo a minhas lembranças do percurso do estágio obrigatório.

Este trabalho procurou abordar temas considerados importantes para a discussão da prática pedagógica na EJA. Neste contexto, a sequência desse texto se dará da seguinte forma:

Na próxima seção procurei descrever um pouco sobre a instituição de ensino e a turma da Educação de Jovens e adultos onde pude exercer a minha prática docente. É preciso conhecer, entender e refletir sobre esses sujeitos, pois cada turma tem suas particularidades e diferenças

Na seção seguinte descrevo e discuto a prática realizada, pois no período de estágio é possível refletir sobre o planejamento, que é essencial para o processo educativo; a metodologia, por mostrar o caminho traçado para se chegar ao objetivo desejado e o processo de fazer uma avaliação formativa aos discentes.

Por fim apresento as considerações finais com as reflexões sobre a experiência vivida durante a prática que me permitiu, como docente em formação uma conclusão sobre o que poderia ou não ser alterado durante o período de estágio obrigatório.

2 - Conhecendo uma Classe da Educação de Jovens e Adultos

Nesta seção irei descrever um pouco da Instituição de Ensino e da turma de Educação de Jovens e Adultos onde atuei durante o período obrigatório de estágio que ocorreu no segundo semestre do ano de 2013.

Como trabalhava durante o dia, só podia fazer um curso de graduação à noite, conseqüentemente, a realização do meu Estágio também só poderia ser realizado no turno noturno, para que não interviesse no meu horário de serviço. Dessa forma, fui estagiar na EJA.

O estágio foi realizado na Escola Municipal Juvenal Lamartine, que está localizada na Rua Presidente Sarmiento, 1156, no bairro do Alecrim, na zona Leste da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, sua localização se torna central para quem precisa, pois perto tem um ponto de ônibus que dá acesso a vários bairros da cidade, por isso atende a alunos da região e de outras localidades da cidade também. No período do estágio a escola oferecia Educação Infantil e Ensino Fundamental no horário diurno e à noite era ofertada a modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, que está separada no Segmento I que é referente aos anos iniciais e no Segmento II que trabalha os conteúdos dos anos finais do Ensino Fundamental.

A instituição era composta por dez salas de aulas e mais uma sala que era usada para a realização de um projeto oferecido por uma equipe de alunos de Neurociência da UFRN, secretaria, sala da direção, sala da coordenação onde ficam guardados os materiais lúdicos, sala dos professores, uma cozinha que prepara refeições para servir aos alunos da noite antes dos inícios das aulas; possuía também um laboratório de informática e uma biblioteca, mas que na época em que estive presente no estabelecimento não tinha um profissional que pudesse ficar responsável por manter sua organização e atender os alunos.

A biblioteca possuía em seu acervo livros de literatura brasileira, bem como livros didáticos e paradidáticos, mas que, segundo a coordenadora, ainda não eram suficientes. A escola também tinha uma quadra para atividades físicas, mas que no turno noturno não era utilizada. A instituição possuía jogos de tabuleiros para ajudar no desenvolvimento das aulas e tornar as atividades mais lúdicas. Este material ficava guardado na sala da coordenadora, e a professora

poderia solicitar para uso didático.

A turno da noite também tinha sua equipe para que a escola pudesse atender aos alunos: porteiro, merendeiras, a equipe da secretaria, coordenadora, e a diretora ou a vice (nunca ficavam as duas no mesmo dia a noite). Infelizmente, meu contato com a direção foi mínimo, o principal motivo é que as aulas na instituição duravam cerca de duas horas apenas. As aulas começavam às 19 horas e encerravam por volta das 21 horas, a coordenadora explicou que, mesmo a escola se encontrando próxima a uma via movimentada, o local não era seguro em relação a furtos, então, para garantir a segurança dos alunos, eles eram liberados nesse horário. Muitas vezes uma professora me dava carona até o ponto de ônibus, para que eu não fosse a pé.

A instituição também possuía Caixa Escolar e um colegiado como o Conselho de Escola. O Projeto Político Pedagógico da escola estava pronto, mas a coordenadora costuma dizer que ele está sempre em construção, sempre sendo atualizado para que possa atender as necessidades de todos.

Conversando com a coordenadora, esta contou que a escola procura trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades especiais, mesmo em turmas da EJA. No período em que atuei na escola me foi informado que havia dois alunos surdos, um deles era da turma da noite, e que naquele ano conseguiram uma interprete para que o trabalho com estes alunos fosse completo.

No período do estágio, me foi informado também que a escola estava tentando buscar o selo de “escola acadêmica”, e por isso possuía muitos Projetos Pedagógicos em desenvolvimento como, por exemplo, o curso de Robótica oferecido pelo Núcleo de Neurociências da UFRN. A escola era aberta no final de semana para oferecer curso preparatório para o IFRN e para cursos de atividades físicas, todos esses realizados durante o dia.

Para as turmas da EJA eram oferecidas bimestralmente oficinas com aulas práticas como atividade física laboral, massagem e relaxamento realizados pela professora de educação física, visto que se trata de um grupo mais cansado, já que a maioria passa o dia trabalhando e à noite vai à escola para aprender.

A turma na qual fiz a minha regência tinha uma professora formada em Pedagogia pela UFRN, com especialização em Psicopedagogia e Coordenação Pedagógica. Possui uma experiência de oito anos em sala de aula, mas apenas há três anos lecionava para turmas da EJA.

A professora me relatou que a principal dificuldade no seu ensino e na aprendizagem dos alunos era a falta de frequência dos mesmos, fato que pude comprovar no período de observação. A professora também fazia pouco uso do livro didático para dar aula, pelo fato do mesmo não abordar a realidade dos alunos segundo ela. A docente procurava trabalhar as áreas de conhecimento Matemática e Língua Portuguesa, essa última é trabalhada com mais cuidado, pois era a maior dificuldade que os alunos apresentavam, a qual pude constatar e por isso decidi trabalhar o processo de alfabetização, a fim de tentar ajudar, não só a professora, mas principalmente os alunos.

A sala de aula utilizada pela turma era organizada de forma tradicional, carteiras de braço enfileiradas uma atrás da outra, a mesa da professora posicionada no canto da sala permitindo a visão de todos os alunos, quadro branco. Às vezes as paredes ficavam decoradas com atividades e desenhos dos alunos do horário diurno.

A turma se encontrava no Segmento I da EJA, e em sua listagem oficial era composta por doze alunos. Destes doze, durante o período de estágio, só frequentavam as aulas quatro alunos. Um adolescente de 16 anos e, três adultos com mais de 50 anos de idade, sendo estes os que mais frequentavam as aulas, pois o adolescente costumava faltar com mais frequência que os demais. Conversando com os alunos, eles comentaram que já estavam matriculados nesta escola há algum tempo, porém, sem definir com clareza o período.

Havia também a questão de que um dos adultos costumava, ao que me foi relatado e que pude presenciar algumas vezes, frequentar as aulas alcoolizado, se tornando uma pessoa mais resistente ao processo de ensino-aprendizagem. Por se tratar de uma turma em sua maioria de adultos acima de 50 anos, requeria um pouco mais de atenção durante o período de aula, por se tratar de um grupo de pessoas que tinham um processo de escrita mais lento com alguma dificuldade na maneira de segurar a caneta.

Meu primeiro contato com os discentes aconteceu com um dos alunos acima de 50 anos, uma senhora, no primeiro dia de observação. Conversando, descobri que ela tem uma filha que fez o seu Ensino Médio pelo Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA, que existia na escola na parte da noite. Ela procurava caprichar na sua escrita, e se dissesse que sua letra estava feia, ela apagava tudo para escrever de novo.

Havia um aluno mais complicado, que ia às vezes alcoolizado para a escola, preferia atividades que eram passadas no quadro ao qual ele pudesse copiar para o caderno, porém, percebi que isso também era a preferência dos outros alunos. Isso se deve a uma imagem já formada que a maioria das pessoas tem sobre a escola, onde a professora escreve no quadro e o aluno cópia no caderno, um imaginário baseado no modelo de escola tradicional, onde as aulas são predominantemente expositivas com pontos copiados na lousa e o professor é o único detentor do saber, e que este tem a responsabilidade de transmitir os conteúdos para os alunos que o receberam passivamente; estes por sua vez esperam receber muitas lições de casa porque acreditam que a quantidade de atividades levam a uma boa aprendizagem.

Acredito também que a forma como a sala era organizada passava muito dessa ideia de hierarquia. Este aluno já tentava escrever frases (de mensagens) no quadro, mas quando esquecia de alguma palavra ou ficava muito na dúvida de que qual letra usar, desistia na hora.

O único aluno adolescente da turma aparentava já conhecer algumas letras e conseguia uni-las para formar palavras, mas com dificuldade. Ele me disse que deixou de estudar durante o dia para ficar com sua avó. Já o outro senhor, aparentava ser o mais participativo, era o que mostrava mais dificuldades em reconhecer as letras. Se falasse a letra para ele, sem que ele a visse, não conseguia reconhecê-la para escrever no caderno. Mas, se ele visse a letra escrita reconhecia com dúvidas ainda se era a certa ou não.

Uma coisa que me chamou bastante atenção é que, mesmo uma turma tão pequena, os alunos interagem muito pouco entre si. Eles se cumprimentavam, trocavam algumas informações ou comunicados da escola, mas na sala de aula não existia aquela conversa paralela entre alunos, eles

ficavam muito focados, olhando a figura da professora que se encontrava na frente deles. Não sei se era por timidez pessoal, ou de se encontrar naquele espaço com pessoas tão diferentes umas das outras e com os mesmos objetivos de aprender. Vera Barreto, na Coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos (2006), traz uma descrição melhor do que, acredito eu, seja este momento em sala de aula:

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa. (BARRETO, 2006, p. 5)

Em função deste contexto e das características dos alunos, fiz o planejamento tentando focar no conhecimento sócio histórico cultural que os alunos dessa modalidade trazem para dentro da sala de aula, um processo de compreensão desse conhecimento tão vasto. A descrição e reflexão sobre esta prática é o que será apresentado na próxima seção.

3 - Período da Prática Educativa: trabalhando o processo de alfabetização.

Durante cinco dias observei a turma, e percebi que os alunos demonstraram facilidade no conhecimento Matemático. Acredito que seja devido ao que chamamos de conhecimento prévio dos discentes, que, em função da necessidade de trabalhar com dinheiro e diferentes cálculos na sua vida cotidiana, foram desenvolvendo esses conhecimentos em suas formas básicas com conhecimento necessário para o dia a dia.

Eu mesma posso citar um exemplo dentro da minha família: meu avô era analfabeto e sustentava a família com o que vendia em sua padaria, e minha mãe, escolarizada, me contou inúmeras vezes que quando ele pedia para ela somar no papel o quanto ele tinha apurado no final do dia, antes mesmo dela terminar de calcular o valor, meu avô já somava de cabeça e perguntava se o valor que ela tinha registrado era igual ao da resposta dele, e esses valores quase sempre coincidiam.

Porém, percebi que os discentes da turma do estágio tinham dificuldade na compreensão das palavras. Os alunos sabiam copiar o que estava no quadro para o caderno, mas quando a professora pedia para lerem o que estava escrito eles aparentavam ter muita dificuldade. Não consegui perceber ao certo se era pelo medo de errar, pela conhecida falta de segurança, ou pelo simples fato deles ainda não conseguirem distinguir corretamente as palavras, quando liam as vozes eram baixas e a sonorização pausada e gaguejada. Por este motivo, decidi trabalhar o processo de alfabetização com os alunos mais intensamente durante o estágio.

Nessa perspectiva, a intenção foi trabalhar o conhecimento que os alunos já possuíam, o que consideramos desenvolvimento real com base no conceito vygotskyano de zona de desenvolvimento proximal, que é muito vasta e variada, a fim de tornar mais amplo seu nível de desenvolvimento potencial.

Esse conhecimento é como um diamante bruto o qual o docente tem que ir lapidando até chegar em sua forma mais bela, é como diz Barreto (2006) no Caderno da EJA 1: Alunos e Alunas: trata-se do saber cotidiano, um saber já amadurecido, nascido de valores e princípios éticos, morais já formados, anteriormente, fora da escola, e que foram moldados de forma a se adaptar a

sociedade em que vivem. Assim, Conceição de Souza Licurgo Soares (2003) diz que:

Segundo Vygotsky, existem dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real, que compreende as ações já internalizadas pelo alfabetizando, ou seja, é aquilo que ele já aprendeu ou já consegue fazer sozinho; e o nível de desenvolvimento potencial, que corresponde àquilo que o alfabetizando está em potencial de aprender no momento, ou melhor, àquilo que ele consegue aprender ou fazer com a ajuda de alguém. Entre estes dois níveis encontra-se a zona de desenvolvimento proximal, definidora daquelas “funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Estas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento” (Vygotsky, 1998-113) e é ali que o alfabetizador deve intervir, mediando o processo de aprendizagem, para que estas funções potenciais se tornem reais. (SOARES, 2003)

Acredito que o conhecimento interno que os alunos da EJA aprenderam no meio social seja o grande desafio para o professor dessa modalidade, é um processo de convencimento que o docente tem que fazer no discente, mostrando que é errando que se aprende. É importante ensinar que o aluno não precisa ter medo de errar, que no espaço escolar ele irá aprender, e que cada sujeito tem seu tempo.

Também foi importante para mim tomar cuidado para não infantilizar o processo, visto que eram adultos e jovens, e na época em que fiz o estágio, eu não tinha cursado nenhuma disciplina exclusivamente sobre a Educação de Jovens e Adultos, e também pelo fato de na época trabalhar em uma escola particular como auxiliar de sala da educação infantil, ou seja, tentei tomar cuidado porque convivia com estudantes totalmente distintos do que eu conhecia.

A regência ocorreu num período de 10 aulas, e por orientação da professora de minha disciplina de Prática de Ensino na Escola de 1º Grau, optei por fazer as aulas usando atividades baseadas no exercício da escrita e tendo como apoio o livro didático fornecido pela escola aos alunos. A maioria dos exercícios foram registrados nos cadernos dos mesmos, a fim de que pudessem

usar para estudar/consultar futuramente. O intuito de realizar atividades baseadas na escrita foi para tentar usar um dos ensinamentos de Paulo Freire, usando o conhecimento que os alunos já possuíam para tentar trabalhar a alfabetização, o conhecimento prévio do mundo como fundamento para a prática da escrita, tentando extrair o máximo de conhecimento através de uma palavra, visto que procurei focar a Língua Portuguesa, não fazendo aulas interdisciplinares com outras áreas de conhecimento, mas tentando fazer com a vivência e necessidade dos alunos.

Neste caso, tentei ao máximo desenvolver um processo não só de alfabetização dos alunos, mas de letramento também. Procurei trabalhar o conhecimento bruto que os alunos já possuíam devido à convivência social e refiná-lo, buscando um saber mais acadêmico, sobre o porquê daquela palavra, suas regras de leitura e escrita, sua necessidade de uso no dia a dia de um indivíduo. De acordo com Leda Verdiani Tfouni (2002):

Neste sentido, o processo de representação que o indivíduo deve aprender a dominar durante a alfabetização não é linear (som-grafema); é antes um processo complexo, que acompanha o desenvolvimento, e que passa por estágios que vão desde a microdimensão (por exemplo, representar o som /s/ com os grafemas ss (osso), c (cena), sc (asceta), xc (exceto) etc.) até um nível mais complexo (representar o interlocutor ausente durante a produção de uma carta, por exemplo). (TFOUNI, 2002, p. 19)

Trabalhei dessa forma, não só pela questão de fazer os alunos reconhecerem as letras do alfabeto e a relação som-grafema. Mas também por querer trabalhar com um processo que envolvesse habilidades de interpretar, compreender e usar a leitura e a escrita nas relações cotidianas, pois é nas práticas sociais que seu uso se faz necessário. Além disso, no documento de Referenciais Curriculares Educação de Jovens e Adultos 2008, elaborado por uma equipe de educadores da Secretaria Municipal de Educação de Natal, é sugerido na organização e no desenvolvimento curricular da EJA, que a alfabetização seja considerada como processo de letramento, tanto no 1º como no 2º Segmento.

Fiz a opção por trabalhar apenas conteúdos da alfabetização, ou seja,

apenas com a área de conhecimentos de Língua Portuguesa, sem propor integração com conhecimentos de outras áreas porque, ao meu ver, era o que os alunos precisavam focar mais naquele momento. Não apenas por querer que os discentes conseguissem reconhecer melhor as letras, mas que se sentissem seguros, confiantes para uma nova etapa de ensino-aprendizagem que iriam ver no ano seguinte.

A escola possuía materiais lúdicos como jogos de tabuleiros e material dourado que auxiliavam as aulas. Fiz muito proveito de um desses materiais que foi o jogo chamado “Soletrando”, onde as peças eram as letras do alfabeto e os alunos podiam formar palavras com ele.

Mesmo sendo 10 aulas, levou quase dois meses para todo o processo de observação e regência da turma ficar completo. Havia dias que nenhum aluno comparecia à aula, ou apenas um ou dois vinham, e na aula seguinte, quando era possível ter todos os quatro discentes em sala, tínhamos que retomar o que tinha sido trabalhado na aula anterior para que todos pudessem acompanhar. A própria professora já tinha me falado dessa questão sobre a frequência irregular, e o quanto isso atrasava o avanço das aulas.

Cito essa questão da baixa frequência dos alunos porque é a realidade de quem convive com todo o sistema de ensino da modalidade da EJA. Inúmeros são os fatores que levam à baixa frequência ou à desistência dos alunos nesta modalidade de ensino.

Mas vou tentar ressaltar aqui o que diz nas Referências Curriculares da EJA feita pela SME de Natal:

A pesquisa avaliativa da EJA em Natal (2003) documenta declarações dos alunos entrevistados, que mostram a desinformação, a insatisfação com a EJA e uma baixa estima por frequentar essa modalidade. [...] Quase todos os alunos, mesmo os mais jovens, são trabalhadores, empregados ou não, e a maioria espera que a escola lhe propicie uma qualidade qualificação para o mercado de trabalho. Com muitas dificuldades, e acumulando responsabilidades profissionais e domésticas, utilizando seu já reduzido tempo de lazer, procuram a escola, na tentativa de através da educação, melhorar sua condição de vida. Para muitos, a escola representa um terceiro turno de trabalho. (SME, 2008, p.20).

As duas primeiras aulas foram avaliativas, com o intuito de identificar mais a fundo o conhecimento dos alunos, visto que no período de observação foram notadas algumas dificuldades em relação ao reconhecimento de algumas letras. Elas tinham a intenção de constatar se os alunos apresentavam ou não domínio dos pré-requisitos necessários de conhecimento ou habilidades para novas aprendizagens, caracterizando assim, eventuais problemas e possíveis causas.

Nessas aulas, revi o alfabeto com os alunos, utilizei o alfabeto que estava colado acima do quadro, primeiro li com eles e depois pedi que eles lessem sozinhos, nessa hora suas vozes saiam num tom mais baixo, acredito por terem vergonha da minha presença, que ainda era estranha para eles. Expliquei a eles que cada letra tem um som diferente, tentei fazer um resumo sobre o que eles já tinham visto, expliquei mais uma vez quais eram as vogais e quais letras eram as consoantes, e que quando juntas formam sílabas, e que essas agrupadas em conjunto vão formando as palavras que conhecemos.

Com isso pude identificar melhor quais letras os alunos tinham mais dificuldades, a fim de poder trabalhar com palavras que os alunos pudessem praticar tanto a sonorização quanto a parte escrita, para amenizar dificuldades futuras. Utilizei um exercício que continha no livro didático dos alunos, que quase não utilizavam. O motivo foi para mostrar que além das anotações feitas no caderno, eles também podiam consultar e usar o livro para estudar.

Esta atividade me possibilitou diagnosticar as dificuldades apresentadas pelos estudantes, levando em consideração que eles estavam diante de uma nova professora. Foi possível notar que a aprendizagem dos mesmos estava vinculada a processos ditos tradicionais de alfabetização, como a repetição e a exposição de conteúdo não significativo para o aluno. Ao trabalhar o alfabeto separando-o em vogais e consoantes, houve uma sensível redução na vocalização, como se procurassem esconder que não sabiam a utilização das letras para a formação de sílabas e os sons associados a elas.

Nesta perspectiva, as demais aulas foram feitas com objetivo de tentar suprir essa necessidade dos docentes, bem como formar palavras usando as letras que os estudantes apresentavam dificuldade e praticar a leitura e escrita das mesmas. Essas aulas foram desenvolvidas em cima de ditados, pois, segundo Freire (1996), eu poderia, junto com os estudantes, extrair o máximo de

conhecimento possível através de uma única palavra. Mesmo trabalhando com palavras individuais, fazíamos a prática da leitura das mesmas em conjunto, ao mesmo tempo em que tentava explicar aos alunos o sentido dessa palavra, sua necessidade, e como compreendê-la faz diferença nas nossas vidas.

Como já tinha explicado que junção das sílabas formavam as palavras, comecei a ditar palavras com letras que os estudantes apresentaram dificuldades, a fim de encoraja-los a escreverem usando o conhecimento que já tinham.

Os ditados eram feitos com palavras de objetos comuns a todos, como os materiais que tínhamos em sala ou que continham em suas casas por exemplo. Já que estávamos nos aproximando do final do ano letivo, tentei suprir essa dificuldade em reconhecer as letras que os alunos tinham, para que no ano seguinte, eles não sofressem tanto com escritas mais complexas. Também usei os nomes de seus colegas, a fim de demonstrar que nomes próprios começavam com letras maiúsculas, com o objetivo de explicar a diferença entre o uso de letras minúsculas e maiúsculas.

Não procurei me prender muito na parte gramatical, pois nosso tempo era curto, minha verdadeira intenção foi de ajudar os alunos no processo de leitura e escrita, no reconhecimento das letras, nos significados das palavras e o que elas representavam, tentei mostrar que o processo de alfabetização ao qual os alunos estavam passando, ia muito além do só ler e escrever, era um conjunto de saberes que buscava dar sentido as coisas que estavam a nossa volta, tomando a forma de palavras as quais poderiam ser expressas na forma escrita. Segundo Artur Gomes de Moraes e Eliana Borges Correia de Albuquerque:

Trata-se, agora, de garantir que as práticas escolares auxiliem o aluno a “pensar enquanto aprende o beabá” e a descobrir os ganhos e prazeres que se pode experimentar quando o aprendizado do sistema de escrita é vivido como um meio para, autonomamente, exercer a leitura e a escrita dos cidadãos letrados. (ALBUQUERQUE e MORAIS, 2004, p. 75)

Ainda, segundo eles, como a momentos para praticar a leitura e escrita dentro dos textos, também existe às vezes a necessidade de parar para trabalhar com palavras, refletir sobre elas, montá-las e desmontá-las, e foi nesta

perspectiva que procurei tentar trabalhar, num processo de alfabetização e letramento.

A correção do ditado era feita no quadro, escrevia as palavras do ditado para os alunos, pedia que os mesmos lessem juntos o que estava escrito, e que fizessem a correção anotando a palavra escrita corretamente do lado da que eles já tinham escrito. Como a turma era pequena, enquanto faziam a correção, eu passava em cada carteira para olhar os cadernos e tirar dúvidas. Alguns ficavam com vergonha por errar apenas uma letra da palavra, procurei explicar que era normal, que eles estavam em um processo de desenvolvimento e descoberta, que existem sílabas com sonorização parecida e que no início era fácil confundi-las, mas à medida que eles fossem avançando essa compreensão e reconhecimento dos sons iria se tornar mais fácil.

Na maioria das aulas ministradas foi realizada essa proposta de atividades para os discentes, como nosso tempo era curto, esse tipo de proposta avaliativa permitia analisar o desenvolvimento, bem como a participação dos alunos na aula diariamente, além de que, era um exercício que corrigíamos juntos em sala no mesmo dia, sem a preocupação em levar para casa e perder um certo tempo corrigindo na aula seguinte.

Na avaliação procurei ver a participação de todos no desenvolvimento das atividades escritas, e na leitura realizada em grupo para que todos participassem sem inibir algum aluno. Acredito que consegui fazer uma avaliação formativa, usando mecanismo que pudessem ajudar os alunos a aprender. Tentei fazer atividades que lhes permitissem, além de mim, tomar conhecimento dos seus erros e acertos e encontrar estímulo para continuar os estudos de forma sistemática, antes de avançar para outra etapa do ensino-aprendizagem.

Em duas aulas fiz uso do alfabeto móvel, de um jogo chamado “Soletrando”, um material que a escola possuía e que me foi permitido utilizar, queria para mostrar aos alunos um jeito diferente de formar palavras sem necessariamente usar papel e caneta, mesmo que eu tenha pedido para que eles as anotassem no caderno para ficar registrado e corrigirmos juntos depois.

Em uma aula, o uso deste jogo me permitiu ver se os alunos ainda apresentavam dificuldades na construção de palavras mesmo tendo as letras na

frente para formá-las, como também pude perceber a forma como eles tentavam arrumar essas letras na carteira, para que pudessem construir as palavras, foi como ver mais ou menos como os alunos tentavam organizar os seus pensamentos. Distribuí as letras entre os alunos e realizei um ditado onde os alunos primeiramente iriam formar as palavras com o alfabeto móvel e depois registrá-las no caderno para correção.

Em outra aula, elaborei com este material uma atividade com o intuito de favorecer a alfabetização, o chamei de “bingo alfabético”, trata-se de um alfabeto móvel colocado dentro de uma caixa da qual vão se retirando letras sem o aluno ver qual letra é, e pronunciadas para que os alunos reconheçam o som e as encontrem e marquem na ficha que receberam.

Este instrumento visava diversificar a aula tornando-a mais lúdica, para que os discentes não ficassem reduzidos somente ao livro-texto e ao caderno como recursos de aprendizagem. Mais uma vez, o intuito desta atividade foi saber se ao longo do curto tempo que trabalhei com esses alunos, se eles ainda tinham dificuldades em reconhecer as letras pelo som. Ele me permitiu observar quanto tempo o aluno levou para reconhecer e marcar a letra ou descobrir que não tinha na ficha, foi como se eu visse o ritmo de desenvolvimento, uns mais rápidos e outros mais lentos.

Todos participaram, mostraram concentração no desenrolar do jogo e felicidade em reconhecer e encontrar a letra sorteada em suas fichas, mas em suas expressões foi possível perceber que eles não se sentiram à vontade com esta atividade, acredito que seja ao fato de parecer mais como uma atividade de lazer, e não a um exercício de aprendizagem aos olhos dos discentes. Porém, quando perguntei se eles tinham gostado dessa aula, todos responderam que sim. Nesta perspectiva, Marta Durante fala também em seu livro sobre um dos aspectos que geralmente interferem no funcionamento do espaço educativo com jovens e adultos:

Outro aspecto que interferiu e, na verdade, sempre interfere no trabalho com adultos pouco escolarizados é o modelo de escola. Para eles, frequentar a escola pressupõe fazer copias e contas, ter cartilhas e aprender as letras. Aprender a expor suas opiniões, ouvir as opiniões dos colegas, ouvir contos, escrever, mesmo que não seja do modo convencional (correto), ler, mesmo que

seja só um título de um texto, ler problemas e resolve-los, manusear o jornal, ler notícias e comenta-las, etc., não são características do modelo de escola que conhecem. (DURANTE, 1998, p. 48)

Durante também defende em seu livro, e foi o que eu procurei fazer durante todo o processo de ensino-aprendizagem, a importância de demonstrar, dialogar, a todo momento, que os alunos tinham conhecimentos importantes. Assim como a autora, procurei evidenciar suas conquistas para que se percebessem aprendendo, mesmo utilizando de atividades que fogem ao modelo do que os estudantes da modalidade da EJA entendem como modelo de escola.

Em uma das aulas, a fim de fazer o processo de desconstrução e refinamento do conhecimento interno dos alunos, mostrando que o que eles aprenderam no meio social também podia ser melhorado dentro da sala de aula, usei uma atividade do livro didático. Nele continham imagens de produtos que os alunos conheciam e de certa forma consumiam, mesmo sem saber ao certo como escrever o nome do produto. Nessa atividade pude ver claramente, a influência do conhecimento social que os discentes adquiriram ao longo de suas vidas.

Aqui, me foi possível compreender melhor e vivenciar em prática o processo de Alfabetização e Letramento. Mesmo não tendo o domínio do código escrito, ou seja, o nome dos produtos, os alunos sabiam reconhecer cada um deles apenas em ver as imagens das embalagens, sabiam dizer para que serviam. Essa atividade do livro foi realizada em conjunto com os alunos, eles tinham que marcar de forma numerada, a que correspondia cada imagem, exemplo: a imagem de número uma era Nescau, que conseqüentemente corresponderia ao o quadrado do achocolatado em pó.

Pedi que os alunos lessem o enunciado da atividade em conjunto, e as palavras que estavam ao lado dos quadrados vazios, praticando assim a leitura. À medida que íamos enumerando as palavras de acordo com as imagens, eu pedia que os alunos me explicassem o que eram e para que serviam. No final, tentei mostrar aos discentes que as palavras estavam na ponta da língua deles. O conhecimento de saber para que servia cada uma daquelas coisas e a

necessidade de uso eles já tinham, e que com as letras e as palavras eram a mesma coisa, só que precisavam colocar mais em prática o uso desse conhecimento alfabético.

Comentei com eles que isso só era possível lendo, escrevendo, errando e se corrigindo, que só praticando é que vamos melhorando. Nessa aula, à medida que fui conversando com os alunos, pude perceber um olhar diferente para com minha pessoa, um olhar que demonstrava confiança, respeito, carinho.

Em minha última aula com a turma, quis trabalhar de um modo um pouco diferente, mas que eles pudessem utilizar tudo o que tentei ensinar no curto período em que ficamos juntos. Retomando um pouco do que tínhamos conversado na aula anterior, sobre eles já terem o conhecimento das letras e de como usá-las para formar palavras, e a importância de estar sempre praticando esse processo de escrita, pedi que eles escrevessem bilhetes para quem tivessem vontade.

Expliquei que o bilhete poderia ser uma boa forma deles tentarem praticar a escrita e leitura mesmo estando em casa ou no trabalho. Expliquei aos alunos que o bilhete pode ser usado para várias coisas, como deixar um recado ou mensagem para alguém, ou simplesmente para nos lembrar de algo que temos que fazer. A prática do bilhete para eles, poderia ser considerada um dos primeiros passos para a produção de outros textos de maior escala, como uma redação por exemplo, onde o aluno poderia começar a se reconhecer como autor dos seus próprios pensamentos escritos. Gostaria de acrescentar aqui o pensamento de Tfouni:

[...] tomar a questão da autoria como critério para exame do letramento enquanto processo sócio-histórico implica também o compromisso de mostrar que o discurso oral do analfabeto pode estar perpassado por características do discurso escrito, ou seja: que a função-autor não é prerrogativa possível apenas para aqueles que aprenderam a ler e escrever, mas antes, é uma função ligada a um tipo de discurso – isto é, o discurso letrado – que, por ser social e historicamente constituído (como, aliás, todos os discursos o são), pode estar também acessível àqueles que não dominam o código escrito. (TFOUNI, 2002, p. 45)

Aproveitei a oportunidade para tentar explicar a diferença entre o tamanho do bilhete para com um texto ou uma carta por exemplo, e a finalidade que cada

um tem em nossas vidas. Para que não ficasse muito extenso, visto que nosso tempo de aula era curto, limitei que os alunos fizessem bilhetes para quatro pessoas no máximo. Deixei que eles ficassem à vontade para escrever estes bilhetes em seus cadernos. Mas que faria a correção individual, a fim de não os constranger perante os companheiros.

Essa atividade me deixou um pouco emocionada, porque além de ser o último dia com os alunos, em alguns dos cadernos tinham mensagens de agradecimento pelo pouco que consegui ensiná-los, como também uma mensagem de tristeza, porque antes que o ano terminasse a professora dessa turma iria assumir um cargo no estado, devido a um concurso que tinha feito, só estava esperando chegar uma professora para substituí-la. Eu agradei aos alunos por me aceitarem e a oportunidade de ter aprendido com eles durante o período em que passamos juntos.

Por se tratar de um público mais maduro, procurei dialogar e interagir com os discentes durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Tentei fazer com que eles se questionassem, perguntassem se tivessem dúvidas, porque só assim poderia tentar atendê-los da melhor forma possível. Procurei mostrar que os registros que fizemos no caderno ou no livro didático serviriam para estudos e relembrar a mente caso eles ficassem em dúvida com relação a algo, mas que era no meio da conversa que fluía todo o nosso conhecimento entre professor-aluno-professor.

Acredito que o diálogo como meio de tentar mostrar que ao aluno que o que ele aprendeu com a sociedade tem valor e uso dentro da sala de aula faz com que ele se sinta mais acolhido dentro da instituição de ensino. Mostrar que mesmos que ele não escreva as palavras corretas ainda ou que ainda apresente alguma dificuldade para ler, ele possui o conhecimento de como as coisas funcionam e para que servem já é um dos primeiros passos para se tornar uma pessoa alfabetizada. E que por esse motivo que que devem procurar sempre praticar, tentar ler e escrever. Foi o que tentei mostrar durante o processo de ensino, que é errando que aprendemos, como muitas coisas na vida.

Acredito que o meu diferencial para com essa turma, foi abordar aulas mais dialogadas. Tentar estimular a participação dos alunos através da conversa faz com que o professor conquiste a confiança dos discentes, para que juntos

possam desenvolver um sistema de aprendizagem mais dinâmico e humano, a fim de extrair o máximo de conhecimento que os sujeitos já possuem. Sem isso as aulas se tornam mecânicas.

Não foi um processo fácil, pois para conquistar a confiança de cada discente leva-se algum tempo. Como disse anteriormente, os alunos da EJA chegam às instituições de ensino com um pensamento específico de modelo padrão de escola. Quebrar esse pensamento leva algum tempo, pois cada sujeito tem seu próprio tempo de aprendizagem, e conquistar a confiança desses indivíduos também leva um certo tempo, o que torna a tarefa de um período de Estágio um pouco mais complicada, pois o tempo de contato com o aluno é curto e limitado.

Conquistar a confiança dos alunos é essencial, pois só assim é possível fazer com que eles se abram com o professor, para que o mesmo possa extrair o máximo de conhecimento que o aluno já possui, refinando esse saber de uma forma mais acadêmica.

4 - Considerações finais.

A experiência de ensinar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos foi totalmente rica e diferente do que é conviver com crianças. Como citei anteriormente, durante o período do meu estágio, estava trabalhando numa escola particular, mais precisamente na equipe de tempo integral, com crianças da Educação Infantil. Lá desenvolvia um trabalho de auxiliar de sala, voltado mais para atividades lúdicas e de desenvolvimento sociocultural.

Um de meus maiores medos era que saindo de uma rotina com o público infantil, eu fizesse uma aula ou tratasse os alunos da EJA de uma forma mais infantilizada, gerando dessa forma uma barreira entre nós, por não conseguir tratá-los da forma e o respeito que eles como sujeitos maduros mereciam. Por isso optei por uma aula mais dialogada, a base de conversas, onde tentei compreender cada indivíduo, a fim de tentar suprir suas necessidades como aluno-pensante e ativo.

Mesmo sem conhecer muito desse mundo da modalidade da EJA, pude perceber, a maioria das dificuldades enfrentadas pelos educadores dessa modalidade de ensino, como a questão da frequência, insegurança, cansaço do trabalho, aspectos que fazem a maioria dos alunos desistir, e como o professor e a instituição de ensino tentam de tudo que estão ao seu alcance para que isto não aconteça.

Mas confesso que o meu maior desafio de professora foi o processo de alfabetização. Mesmo já tendo lido muito sobre ele, cursado uma disciplina só sobre esse tema de processo de alfabetização, eu tive uma grande dificuldade em saber se estava agindo da forma certa. Depois que fiz o estágio, procurei me matricular na disciplina de Educação de Jovens e Adultos. Percebi que poderia ter melhorado muitas propostas práticas no meu estágio, se tivesse cursado essa disciplina antes, mas vi que acertei em procurar fazer uma aula mais dialogada com alunos dessa modalidade.

Referências.

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **A alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva de letramento/** Organizado por Eliana Borges Correia de Albuquerque e Telma Ferraz Leal. – Belo Horizonte: Autentica, 2004
- BARRETO, Vera (org.). **Coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: Caderno Um: ALUNAS E ALUNOS DA EJA.** SECAD. Brasília, 2006
- BRASIL, MEC. **REFERENCIAIS CURRICULARES EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS** Seminário Internacional Educação de Jovens e ADULTOS (1996: São Paulo). **Trabalhos apresentados no Seminário Internacional Educação de Jovens e Adultos/** Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário. – Brasília: MEC, 1997.
- DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos.** Porto Alegre: Artes Médias, 1998.
- FREIRE, Paulo, O partido como Educador-Educando. In, Alberto Damasceno, et. al. A educação como Ato Político Partidário, São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Pais e Terra, 1996.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DA PREFEITURA DA CIDADE DO NATAL **1º Segmento: Matemática, Língua Portuguesa e Estudos da Sociedade e da Natureza.** Natal. 2008.
- SOARES, Conceição de Souza Licurgo. **CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE VYGOTSKY PARA A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS.** – UNIOESTE/Foz <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/SoaresConceicaodeSouzaLicurgoSoares.htm> consultado em 13/10/2013.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo, Cortez, 2002. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.47)
- VALENTE, José Armando. **Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade.** UNICAMP.